

## **Aboio**

*Tradicional do Norte de Minas\**

Reberão das águas clara  
Bebedô das andorinha  
Pensamento dessa moça  
Meu coração adivinha

*\*aboio originalmente entoado por Manuel Nardi (Manuelzão)*

## **Pé no Chão**

*Música e letra: Xavier Bartaburu*

*insp. em Manuelzão e Miguilim*

Ê, vaqueiro, venha cá!  
Quero ver o teu sertão  
Ê, vaqueiro, venha já!  
Me mostra o mapa do teu coração

S'embora, Manuelzão  
Venha, vamos botar o pé no chão  
S'embora que a vida é curta  
O caminho é longo, meu irmão

S'embora, Manuelzão  
Venha, vamos botar o pé no chão  
S'embora tocar boiada,  
Tocar viola, fazer canção

S'embora, Manuelzão  
Venha, vamos botar o pé no chão  
S'embora que a vida é dura  
O caminho é torto, meu irmão

S'embora, Manuelzão  
Venha, vamos botar o pé no chão  
S'embora que tá na hora de  
Pôr o povo pra conhecer esse mundão

Ô, Manuel! Nessa terra, nesse céu  
Quem é mais conhecedor?  
Só o senhor é bacharel!

Ô, Manuelzão! Somos a tripulação  
Quem é mais navegador?  
Só o senhor é capitão!

## **Passagem para o nada**

*Música e letra: Edson Penha*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

É o sol  
Que descasca o couro da cabeça  
Por dias a fio  
Por noites caladas de frio

Os pés no chão  
Sem água ou razão  
Teima o sol  
Que resseca a dura casca de pele

Passagem que leva ao nada  
E nada era tudo e tudo era nada  
Que fome! Que tanto destrato!  
Macaco-moleque, mãe, me dê seu perdão

Sertão, que devora a carne  
Que transforma a alma em seixo de sal  
Que faz do sertanejo  
Misterioso cristal

Os pés no chão  
Sem água ou razão  
Teima o sol  
Que resseca a dura casca de pele

Sertão, que devora a carne...

## **Nonada de mim**

*Música e letra: Edson Penha*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Sabe, senhor  
É a minha verdade, senhor  
Fim que foi meu amor  
Toleima, senhor

Sabe, senhor  
O amor faz trapaça, senhor  
Nos embebeda em desgraça  
Nonada de mim

No calor dos olhos verdes  
Fique certo que o amor  
Foi perdido no fogo  
Da terra, senhor

No calor dos olhos verdes  
O silêncio tem cor  
Queima o desejo  
Meu medo, senhor

Diadorim, que passou por mim  
Que meus dedos não tocou, não tocou  
Diadorim, que passou por mim  
E que em minha alma a incerteza queimou

Sabe, senhor...

Diadorim que passou o amor  
Que meus dedos não tocou, não tocou  
Diadorim que passou o amor  
No sertão: veredas da minha dor

## Um Miguilim

*Música: Xavier Bartaburu*

*Letra: Edson Penha e Xavier Bartaburu*

*insp. em Manuelzão e Miguilim*

Um lugar, Mutum  
Um covão, um lá  
De serras a rodear  
Arroios a cochichar  
Cantiga de reverberar

Cor dos inhambus  
Pra se escutar  
Quintal de passarinhar  
Roseira de segredar  
Cantiga de reverdejar

Miguilim: brejal pra se campear  
Buriti: afã de nuvear  
Broto de pequi  
Terra de amanhar

Grota que verte fio de dentro,  
Água de chio a derramar  
Correnteza de rio que vai,  
Vida que traz, voz que vem lá  
Dos Gerais

Um Miguilim  
Pra se garimpar coração  
Roseiral pra se descobrir, desverdecer, ver florear

Um Miguilim  
Que arrebenta a trava do ver  
Que arrebata em turvo espelhar  
Quem conhecer, sem esperar,  
nele a si próprio vê. Lá!

## Canoeiros

*Música e letra: Edson Penha*

insp. no conto *Azo de Almirante*, de Tutaméia

Mês das águas, rio levou  
Mãe e filha na aguaça  
Aguaceiro, água-amarga,  
Alma mater, reaviara  
Aguaceiro, água-amarga,  
Que deu azo à cruzada.

Mês das águas, rio levou  
Mãe e filha na aguaça  
Aguaceiro, água-amarga,  
Que deu azo à cruzada.

Remadores, fim de estrada  
O sertão em suas cavas  
Rio acima, alma-santa  
Tanta gente precisada

Canoeiros, travessias  
Na remância de tristeza e de estranhas alegrias

Rio afora, mascatagens  
Foi à faina em ciganagens  
Na represa, estrangeiros  
O progresso derradeiro.

Canoeiros, fim da Usina  
O sol quente desatina  
Fez viagem de resgate  
De desordem, rixa e sina.

A última viagem foi contrato de amor  
Deu em bala, deu em festa  
Deu em morte, deu em dor.

Foi a última viagem, comandante batedor  
Na espuma da itaipava,  
Canoagem se acabou.

Foi a última viagem, almirante vencedor  
No orlado, no brejal,  
Canoagem se acabou, se acabou

## A Terceira Margem do Rio

*Música: Milton Nascimento*

*Letra: Caetano Veloso*

insp. no conto *A Terceira Margem do Rio*, de *Primeiras Estórias*

Oco de pau que diz:  
Eu sou madeira, beira  
Boa, dá vau, tristriz  
Risca certa

Meio a meio o rio ri  
Silencioso, sério  
Nosso pai não diz, diz:  
Risca terceira

Água da palavra  
Água calada, pura  
Água da palavra  
Água de rosa dura  
Proa da palavra  
Duro silêncio nosso pai

Margem da palavra  
Entre as escuras duas  
Margens da palavra  
Clareira, luz madura  
Rosa da palavra  
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri  
Por entre as árvores da vida, o rio riu, ri  
Por sob a risca da canoa, o rio viu, vi  
O que ninguém jamais olvida, ouvi, ouvi, ouvi  
A voz das águas

Asa da palavra  
Asa parada, agora  
Casa da palavra  
Onde o silêncio mora  
Brasa da palavra  
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra  
Quando não se diz nada  
Fora da palavra  
Quando mais dentro aflora  
Tora da palavra  
Rio, pau enorme, nosso pai

## Querência

*Música e letra: Edson Penha*

insp. no conto *Seqüência*, de *Primeiras Estórias*

No trote de fuga  
Na poeira da Tabocas  
Debandando lá da Pedra  
Ê, Pitanga vai!

No trote de fuga  
Na poeira da Tabocas  
Debandando lá da Pedra  
Ê, Pitanga vai!

Senhor-moço, vá!  
Brio e espora, já!  
Traga a Diaba, cá!

Senhor-moço, foi  
Orgulhoso e só  
Buscar a vermelha, foi

Sem saber que era o amor  
Que ditava seus passos  
Na almargem, pro encontro  
Da alma que o completou

Uma estória de amor

## **Arvorecer**

*Música e letra: Edson Penha*

insp. no conto *Os Cimos*, de *Primeiras Estórias*

Abra os seus olhos  
Nunca anoitecerá  
Incerteza é o que há  
No cimo dourado do arvorecer

Abra os seus olhos  
Que o tempo virá  
E com ele a saudade  
Do vôo dourado no alvorecer

Sem sua mãe, menino  
Você perde a cabeça e perde o corpo  
Num segundo, o brinquedo vira outro  
Só pra iludir

Abra os seus olhos  
Você vai voar  
Como ave que há  
No cimo dourado do arvorecer

Abra os seus olhos  
Que a saudade virá  
Quando em casa lembrar  
Do vôo dourado no alvorecer

Sem sua mãe, menino  
Você perde a cabeça e perde o corpo  
Num segundo, o brinquedo vira outro  
Só pra iludir



## **Notícia do Norte**

*Música: Joel Teixeira*

*Letra: Edson Penha*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Brabo pardo chegou banhado de lama  
Gavião-cujo que veio do norte  
Trouxe agouro e notícia de morte  
Notícia do fim de Joca Ramiro

No céu moídas as nuvens da dor  
No céu brotaram as nuvens do ódio

Um bramava, um calava  
Um outro caía  
Traição pelas costas  
Zunido de bala

Trouxe raiva e vingança de morte  
Vingança ao fim do grande Ramiro  
No céu moídas as nuvens da dor  
No céu brotaram as nuvens do ódio

Amigo olhar-de-esmeralda  
Caiu e de fúria explodiu  
Um rio de lágrimas sobre a face vermelha  
Um rio de lágrimas

Vazio ficou o chão  
E o mundo se perdeu da razão  
Vazio ficou o chão  
E o mundo se perdeu da razão

## Acerto de Contas

*Música: Joel Teixeira e Edson Penha*

*Letra: Edson Penha*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

O dia: era de acerto  
A data: da conclusão  
De botar bala no peito  
Não medir quem é direito  
Nem lembrar quem tem defeito  
Só vazar o coração

Os canos matraqueavam  
De zunir em queimação  
Tinha bala com endereço  
Outras sem qualquer pretexto  
Se tornavam adereços  
Em toda povoação

Arrê, terra em transe! Arrê, é o guerrear!  
No chão o sangue coalha  
Medo e ódio se espalham  
Foi a última batalha do sertão sem dimensão

Se pensar, perde a coragem  
Se rezar perde atenção  
É o mundo dos avessos  
A vingança não tem preço  
Nem requer lembrar de apreço  
No tecer da situação

O destino estava feito  
A vingança um conceito  
O demônio e o redemunho  
Na rua facas em punho  
Quem quis ser, foi testemunho  
O fim foi desolação

Arrê...

E a tarde trouxe mágoa  
E a noite solidão  
O estranho se fez claro  
Na nudez revelação  
A paixão tão rechaçada  
Se manteve resguardada  
No final da contação

## **Cantiga do Desverdear**

*Música e letra: Xavier Bartaburu*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Ai, meus buritizais  
Ai, meus buritizais  
Levados de verde  
Levados de vida  
Vazios de cor

Valham-me, meus Gerais  
Valham-me, meus Gerais  
Levados de campo  
Lavados de pranto  
Varridos de flor

Diadorim, dia do sim  
Dia do amor enfim  
Diadorim, dia do não  
Dia em que a noite  
Seca as veredas  
Dentro do coração

## Razão

*Música e letra: Xavier Bartaburu*

insp. no conto *Duelo*, de *Sagarana*

Sertões afora, grotões adentro  
Cavalgavam dois, estirando o tempo  
Que o ódio insiste em arrazoar

Um ia na frente, outro vinha atrás  
Cada qual, desgosto de não poder mais  
E uma honra manchada pra se lavar

Por vales e várzeas, rumavam poente  
Cruzavam vazantes, geograficamente  
Cobrindo de pó e vingança o mapa do cerradão

O fim de um amor, o começo do drama  
A justiça agora se fará na lama  
Ao sol suada e soluçada numa guerra sem perdão

Quem é que tá com a razão, ê cumpade? Quem é que tá?  
Quem é que tá com a razão, meu irmão? Quem é que tá?

Morrões acima, ribeirões abaixo  
Tropeçavam dois, ligeirando o passo  
Ela não podia mais esperar

Um, mais velho, papudo; outro, moço, soldado  
Esse-um, vagabundo; esse-outro, coitado  
E os dois na peleja de se arrenegar

Quadrante a quadrante, rasgavam tangentes  
Traçavam secantes, geometricamente  
Riscando caminhos de dor e sangue pelo chão

Um perseguia a vida, outro fugia da morte  
O outro não via a hora de sair do Norte  
E o um, no Sul, sonhava e alimentava o dia  
de voltar pro seu sertão

Quem é que tá com a razão...

O silêncio na alma, o cansaço na mente  
Ofegavam dois, guimareaneamente  
Sertanejando os mistérios que cercam o coração

Lá fora, a razão ainda procura quem  
Ninguém tem juízo sobre o mal e o bem  
Só o sertão tem poder de explicação

## Outras Rosas

*Música: Edson Penha e Xavier Bartaburu*

*Letra: Edson Penha*

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Há uma flor no meio do caminho  
É uma rosa de caule sem espinho  
Tem mais flor na beira do caminho  
Tanta rosa, no Rosa eu descaminho

Nhorinhá, dama da vida, amor escuso  
Dos impossíveis, foi  
De gosto impuro, é  
De tempo curto

Rosa uarda, dama da iniciação, foi  
Caminhos turcos, foi  
Pecados puros, é  
Que torna homem, na condição

Há uma flor no meio do caminho...

Má Mutema, dama do chumbo e soturna  
Foi cega-vidas, foi  
Das traiçoeiras, é  
Cobra coral, vil

Otacília, santa da sublimação, foi  
Amor celeste, foi  
De tempo longo, é  
Que torna a vida celebração

Há uma flor no meio do caminho...

Diadorim, dama da guerra, dos opostos.  
Vinganças turvas, é  
Amor calado, foi  
Querer profano

Diadorim, dama de torta restrição, fez  
Querer confuso, fez  
Dos tempos curvos, é  
Que fez mistério, consternação

## **Encomendação de almas**

*Tradicional de Jequitibá, MG*

Óia lá que Deus não dorme, como vós quereis dormir  
Óia lá que a morte é certa, e a vida é incerta  
Senhor Deus, pequei senhor pela dor de vossa Mãe,  
Maria Santíssima, Senhora Santa, misericórdia

## **Redenção**

*Música: Joel Teixeira e Edson Penha*

*Letra: Edson Penha*

*insp. no conto A Hora e a Vez de Augusto Matraga, de Sagarana*

Para a contrição, a indulgência  
Para a aversão, benevolência  
A terra, o suor, as feridas abertas, a salvação  
A dor, o trabalho, as feridas abertas, a salvação

Para ter razão, reminiscência  
Para a tentação, a penitência  
A dor, o trabalho, as feridas abertas, a salvação  
A terra, o suor, as feridas abertas, a salvação

Augusto, o que há com você?  
Augusto, chega de se esconder

Empunhe as armas, desforre a raiva  
E faça justiça com a redenção  
Empunhe as armas, desforre a raiva  
E faça justiça no duro sertão

Um bandido arrependido  
Com passado escondido  
A cruz e a enxada, o louvor,  
A batalha acirrada brotando em seu coração

Um beato dedicado  
Uma alma com seus vícios  
A cruz e a enxada, o louvor,  
A batalha acirrada brotando em seu coração

Augusto, o que há com você?  
Augusto, chega de se esconder

Empunhe as armas...

A cruz, a enxada, o louvor, a batalha acirrada

## Sagarana

*Música: João de Aquino*

*Letra: Paulo César Pinheiro*

A ver, no em-sido pelos campos-claro: estórias  
Se deu passado esse caso, vivência é memória  
Nos Gerais, a honra é-que-é-que se apraz  
Cada quão sabia sua distrição  
Vai que foi sobre esse era-uma-vez, 'sas passagens  
Em beira-riacho morava o casal: personagens  
Personagens, personagens

A mulher tinha o morenês que se quer  
Verdeolhar dos verdes do verde invejar  
Dentro lá deles diz-que existia outro gerais  
Quem o qual, dono seu  
Esse era erroso, no à-ponto-de ser feliz demais

Ao que a vida, no bem e no mal dividida  
Um dia ela dá o que faltou  
É buriti, buritizais  
É o batuque corrido dos gerais  
O que aprendi, que aprenderás  
Que nas veredas por em-redor sagarana  
Uma coisa é o alto bom-buriti  
Outra coisa é buritirana

A pois que houve no tempo das luas bonitas  
Um moço êveio: - Viola enfeitada de fitas  
Vinha atrás de uns dias para descanso e paz  
Galardão: - Mississo-redó: Falanfão  
No-que: "-se abanque..."  
Que ele deu nos óio o verdêjo  
Foi se afogando, pensou que foi mar, foi desejo...

Era ardor, doidava de verde o verdor  
E o rapaz quis logo querer os gerais  
E a dona deles:  
"-Que sim", que ela disse verdeal  
Quem o qual, dono seu  
Vendo as olhâncias, no avô virou bicho-animal:  
- Cresceu nas facas:  
- O moço ficou sem ser macho  
E a moça ser verde ficou

Quem quiser que cante outra  
Mas à-moda dos gerais  
Buriti: rei das veredas  
Guimarães: buritizais!